

# Pasta TEXTOS 1 OK Revisada

.....DURVALINO.....

## **Livro “O Fato e a Coisa”**

.....

A convite de George Mendes, resolvi me engajar na revisão de todo o material reunido em vida por Torquato Neto e, depois,meticulosamente organizado por Ana de Araújo, sua mulher e viúva, que enviou todo este precioso material para George curar. Sem maiores pretensões iniciais, que não sejam conhecer estes preciosos arquivos, proponho-me a organizar este material e, a partir daí, despertar idéias e projetos que podem advir.

Não por coincidência, inicio este trabalho na data de hoje, 9 de novembro de 2010, data de nascimento e morte do poeta.

Durvalino

.....

## **Mergulhando nos Arquivos de Torquato Neto**

### **Pasta TEXTOS 1 – Livro “O Fato e a Coisa”**

São as juvenílias, os poemas da juventude. Datados de 1962 (com exceções), onde se vê intensa produção do poeta. Percebe-se que foram poemas escritos no Rio de Janeiro. Obedeci à ordem que encontrei na pasta. Vejamos.

#### **1 – CANTO FÚNEBRE À ETAPA PRIMEIRA**

Belo poema escrito no Rio em janeiro de 1963. É preciso fazer algumas correções de erros de datilografia (letras trocadas, palavras erradas, etc.)

Torquato, em 1962, tinha 17 para 18 anos, completados só em novembro. Percebe-se neste poema uma angústia existencial no seu nascedouro, tênue, mas constante. Alguns momentos do poema evidenciam essa dor:

(...)

*"a minha vida se perde diletante e ausente  
no labirinto dos dias mal vividos e agora irrecuperáveis."*

(...)

*"A rosa murcha pende deste vaso  
e se derrama intacta nas mãos que a receberam  
e que não sabem mais como acordá-la."*

Aqui um momento premonitório, frente à grande preocupação da humanidade de hoje quanto ao meio ambiente:

(...)

*"Junto aos meus pés restou a minha vida.  
E no meu campo caíram todas as árvores  
desfizeram-se todas as raízes  
e poluíram-se as águas."*

## **2 – PANORAMA VISTO DA PONTE**

Escrito em 13.12.1962. Talvez imbuído de lembranças de sua Teresina, a Ponte Metálica:

(...)

*"Não passa um rio enlameado e doce  
Nem a relva fresca encobre a terra dura.  
É só calor e ferro e fogo e brasa"*

## **3 – A CHAVE DO COFRE**

Escrito em 08.08.1962. Imagens díspares (andorinha, chacal, jibóia), paisagens e fatos (alvoradas, lutos, desastres) em versos curtíssimos, quebrados.

## **4 – BILHETINHO SEM MAIORES CONSEQUÊNCIAS**

Escrito em 07.07.1962. Poema endereçado a Vinícius de Moraes, quando este diz: "bares repletos de homens vazios". Torquato retruca: "Você se esqueceu / Vinícius, meu bom, / dos bares que estão repletos de homens cheios"; e termina dizendo: "Com uma admiração 'deste tamanho'".

Num determinado momento, Torquato põe o título de uma música/letra de Vinícius no meio de seu nome citado:

(...)

*"E você  
que os conhece tão de perto  
Vinícius 'Felicidade' de Moraes  
Não tinha o direito de esquecer  
Essa parcela imensa de homens tristes"*

## **5 – OS MORTOS**

Sem data. Bom poema. Nesse e em outro poema da série, Torquato grava a palavra cemitério, e não cemitério, como seria correto. É preciso manter isso, não corrigir o poeta, mesmo sem saber por que ele escolheu assim:

(...)  
"Sob o pó, cemitério,  
e, enterrados, os mortos reparam."

## **6 – INSÔNIA**

Escrito em 08.07.1962. Percebe-se: as estrofes estão sempre no mesmo pé, ritmo, separadas por um refrão – "hoje tem festa por lá". Deduzo que é uma letra de música, perfeita, pronta para ser musicada. Vejam se não tenho razão.

## **7 – MOMENTO**

Sem data. Este sim, um excelente e grande poema.

A solidão serena de Torquato pelas ruas do Rio, um aguçado observador do cotidiano urbano:

(...)  
"Sentados esperamos que algo passe.  
Talvez senhoras grávidas crianças em brinquedos  
Cavalheiros circunspectos e azuis dentro de ternos e dos passos"

O poema trata do tempo de espera, da impotência humana enquanto a vida passa:

(...)  
"Nosso cansaço?  
A inconseqüência que nos move (ou nos imobiliza?) nesta espera  
Ou simplesmente o sol o céu o mar o mundo?"

## **8 – POSIÇÃO DE FICAR**

Sem data. Poema que aborda as graves questões da existência e a certeza da morte.

(...)

*"Ambíguos em nós mesmos, amamos agora o silêncio das covas e as esperamos: este o nosso fim."*

## **9 – UM CIDADÃO COMUM**

09.08.1962. Como os anteriores, poema que perquire sobre a dor de existir, a vida.

## **10 – POEMA ESTÁTICO PARA...**

Sem data. Lindo poema:

*"Trouxe nas mãos um ramo e é teu."*

## **11 – POEMA**

Sem data. Citações bíblicas. Poema dos mais fracos, no meu entender.

## **12 – O VELHO**

Sem data. Muito bom poema. Experimentalismo com palavras e tempos de verbo:

(...)

*"Hemos tido por certo o errado (já que o errado é a pausa, a metade – sem tropeço – do que há de ser feito) e o silêncio em tornado palavra ordenou a parada: o que basta."*

## **13 – CANTO NEGRO PARA SER ESQUECIDO**

Rio, março de 1963. Sobre um homem que carregava um molho de chaves para tudo. Ao ser roubado por um punguista, perde todas as suas chaves e se mata tomando uísque com mata-ratos.

## **14 – APRESENTAÇÃO DA COISA**

Aqui começa propriamente o livro “O Fato e a Coisa”. Esse poema, “Apresentação da Coisa”, se desenvolve e puxa todos os outros que vêm a seguir. Trecho:

*“Ora! Isto sou eu com a soma de meus complexos e aflições;  
um eu que não sei onde acaba  
onde começa – mas que existe vertical pelas calçadas  
e horizontal na cama. Eu, retorcido ou não,  
sei lá! eu.”*

O poema é numerado em algarismos romanos e se estende em perquirições sobre o existir.

## **15 – O FATO**

Torquato aqui se refere a um Outro, um oposto, um ser masculino (ele próprio? Outro?). Neste ponto, um homossexualismo velado, sugerido:

*“não me volto e não te enxergo.  
te sinto apenas a repetição de minha angústia  
vezes dois  
e te imagino torto  
e te sei um fato ereto em minhas costas,  
caminhando.”*

## **16 – ELEGIA À COISA ALUCINANTE**

O poema é dividido em dois momentos, numerados por I e II. Aqui, Torquato apresenta A Coisa:

(...)

"Meu Deus, eu quero tanto a coisa.  
Mas não, não deixarei passar em branco a noite de pedra e fogo  
de azul e rosa, noite de angústia,  
última fonte de que extraio a vida. ""

(...)

"... Feridas que já foram  
e agora arrasam o resto que ainda somos.  
Eu e você. Nós dois na noite."

## **17 – POEMA DESESPERADO**

"Esta noite abortarei as rosas mais vermelhas  
que em mim geraram minha angústia."

## **18 – POEMA DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS**

O poema maior da série, quatro laudas. Abre assim:

"E em sendo rosa  
é como se fosse a cicatriz do tempo  
brotando trágica  
nos lombos do poema"

O cenário (pano de fundo) é o carnaval e seus personagens:

"Se fria fosse a noite  
não poderia haver o ritmo cadente  
e compassado  
do samba desfilando na avenida."

A rosa e o poema são objetos de comentários do poeta:

"E em sendo rosa  
é também o fruto de um caminho repisado  
a descer feito poema  
e amor  
pela garganta incerta da avenida."

## **19 – POEMA CONFORMISTA**

(...)

*"Eu em mim  
incrivelmente existo e me basta.*

(...)

*"o poeta que não sou  
pode nascer ainda."*

## **20 – A CRISE**

*"Há em tudo uma extensa camada de sossego  
que inquieta."*

Este, um poema-petardo. Acredito que a pura observação de uma sala vazia, os móveis, mesas, cadeiras, insetos em volta da lâmpada, tudo suscita no poeta perquirições sobre o existir. Torquato devia estar assim ao fazer o poema: uma sala, olhando os móveis, as cadeiras, mesas, insetos. Caetano, depois, fez Janelas Abertas...

(...)

*"(Ao redor de minha mesa no escuro  
cadeiras imóveis que reclamam corpos  
e não vêm)"*

(...)

*"Procuro aniquilar o inseto impossível  
que continuo sendo  
a zumbir sobre a minha própria cabeça  
em mirabolantes circunvoltas."*

## **21 – POEMA SILENCIOSO DENTRO DA NOITE**

No corpo deste poema tem uma citação com as iniciais PMC, que julgo ser, sem dúvida nenhuma, uma referência a Paulo Mendes Campos.

(...)  
"Para mim  
conjugar o verbo amar  
é pôr um nunca antes de cada tempo  
e esquecer as desinências  
que não sejam as minhas."

## **22 – POEMA DO AVISO FINAL**

Poema muito cantado e decantado no meio piauiense, várias vezes publicado em jornais e revistas culturais. Um poema engajado, *agit prop.*

"É preciso que alguma coisa atraia  
a vida ou a morte:  
ou tudo será posto de lado"

## **23 – A MÃO E A LUVA**

Um dos mais belos poemas desta série. A expectativa de fazer um telefonema. O Eu. O outro, incomunicável, mas existe. O poema caminha para um desfecho de possibilidades:

(...)

"Há necessidade enorme de uma mesa  
onde a mão alcance um telefone  
e veja a rosa."

(...)

"Já basta tudo isso,  
que a pessoa existe incomunicável  
e longe – mas existe  
e atenderá."

## **24 – EXPLICAÇÃO DO FATO**

Este poema (um dos maiores, quatro laudas) estava grampeado de forma errada, páginas invertidas. Descobri-o depois de ler várias vezes e perceber que havia alguma falta de nexo. A segunda página estava trocada com a última. Mostrei para George e grampeei corretamente.

O Fato é aqui apresentado como algo inexorável, inevitável do fenômeno vida. A constatação de estar vivo, os órgãos funcionando e a angústia de sempre:

*"Impossível envergonhar-me de ser homem.  
Tenho rins e eles me dizem que estou vivo."*

(...)  
*"E insisto porque insistir é minha insígnia.  
O meu brasão mostra dois pés escalavrados"*

No poema, Torquato grafa “brazão”, quando o certo é com “s”. O poema é pancada.

(...)  
*"Como não morrer de medo se esta noite é fera  
e dentro dela eu também sou fera  
e me confundo nela  
e ainda insisto?  
Não é viável."*

## **25 - ÊXODUS**

Ainda a paisagem carioca. As ruas, as pessoas, o mar. E o poeta vagando como um Nosferatu precoce. O mar é a metáfora da morte. Aqui, Torquato antecipa algo da canção Veleiro, feita anos depois com Edu Lobo.

*"Não mais que gente à-toa nessas ruas.  
Por isso a fuga que eu faço"*

(...)

*"Não há barcos.  
Não há velas.  
Existe apenas o mar. E as ondas que me sacodem"*

*transportando o que não sou  
de encontro às tuas paredes."*

(...)

*"Sou fruto de um desespero  
e me recuso a ficar."*

## **26 – POEMA ESSENCIALMENTE NOTURNO**

Último poema da série. Torquato e o Rio. E Teresina. E sua intrínseca angústia de poeta, que ele sentiu por demais, desde muito cedo, mais que nós, e sentiu a necessidade imensa de partir. Este poema é uma evidência muito forte, depois que sabemos de sua história e seu desfecho.

*"à falta da pessoa,  
hoje amarei a ausência também do sentimento antigo  
e lembrarei que os dias já foram azuis  
e as noites somente escuras..."*

(...)

*"...os aposentos da casa enorme,  
os três degraus da entrada  
o sol nascendo pelos punhos da rede  
e o muro do colégio das freiras, quente.  
(Que estas lembranças me bastam)."*

---

*Na semana de aniversário de Torquato em 2010, George me pediu que escolhesse três dos poemas dessa pasta para publicar na imprensa. Escolhi os poemas "A mão e a luva", "Apresentação da coisa" e "Poema essencialmente noturno". Para eles, fiz o seguinte texto de abertura:*

## **TRÊS POEMAS INÉDITOS DE TORQUATO NETO**

**O ano de 1962 foi muito profícuo para Torquato Neto. Percebe-se nos seus arquivos bem conservados que o economista, publicitário e primo de Torquato, George Mendes, recebeu da viúva Ana – percebe-se que Torquato produziu muito no referido ano. Das diversas pastas contendo um fabuloso e inédito material, além de fotos e recortes de jornais da época, várias trazem em seus escritos datas ocorridas no ano de 1962.**

**Uma dessas pastas me chamou particularmente a atenção, e debrucei-me sobre ela. Trata-se do poema longo de Torquato – O Fato e A Coisa – onde o poeta destila o profundo sofrimento que é a constatação inexorável de existir, a consciência do Ser, da existência, com todas as suas misteriosas implicações. O saber-se vivo, a presença do Outro em si, encarnado numa vida sem explicações maiores, o seguir vivendo e o que isso representa. Um poema difícil, fragmentado em temas como a memória da infância, o silêncio, a solidão, a rosa, a metáfora do mar enquanto morte, a noite, a espera, o seguir.**

**Em primeira mão, três poemas do poema-livro inédito de Torquato, O Fato e A Coisa. A pedido de Mendes, escolhi essas três pérolas que me deixaram paralisado. Torquato, quando as criou, tinha 17 para 18 anos. Já era um grande poeta.**

**Durvalino Couto Filho**

---

### **A MÃO E A LUVA**

*Há necessidade enorme de uma mesa  
onde a mão alcance um telefone  
e veja a rosa.  
Há necessidade de uma linha especial  
que ligue a mão à mão que nunca espera  
que converse com a mão que nunca espera  
que diga tudo à mão que nunca espera.*

*Mais: há carência urgente de uma rosa  
que consiga atravessar esta barreira  
e fale e diga à rosa do outro lado  
da solidão do mundo  
desta tristeza imensa  
e dessa angústia que já é constante  
e dói.*

*Há necessidade de sorrisos: sorrisos telefônicos  
mas que sejam. E mais:  
há uma vontade louca de metamorfoses  
de transformações de que não se duvidem  
de notícias espalhadas sobre a muda.  
Manifestando o nada  
triste enfarto sobrevive.  
Ultrapassando o amor  
o que resta nunca mais que vale a pena.  
Pois há que haver um telefone sobre a mesa  
e uma linha especial  
e uma rosa.  
Pois há que haver sorrisos transmitidos  
desde os lábios  
(tristes lábios ressequidos  
que a distância quase deixa se apagarem).*

*Um telefone sobre a mesa  
e uma rosa. É só.  
Já basta tudo isso,  
que a pessoa existe incomunicável  
e longe – mas existe  
e atenderá.*

---

## **APRESENTAÇÃO DA COISA**

### ***I***

*Estão guardados em mim o olhar  
e o falar. Mas não saem.  
Trancados em sete portas  
e não saem, não têm as chaves necessárias  
ou a equivalente ousadia.*

*Submeto-me às restrições dessas certezas  
e pronto: eu, como não o desejava nunca a minha mãe.*

*Mas eu, como o quero e sou  
por isso o eu indiferente e inaceitável  
escondido nas entranhas de mim mesmo  
acorrentado a este meu vazio  
e sem poder sair.  
Assim me entendo e aceito e quero.  
Fosse dado a cavernosas reflexões  
em torno de cavernosíssimos problemas insolúveis  
e seria assim. Fosse o tal que nunca leu sequer gibi  
mas cita Sócrates e Dante  
e seria assim, sem mais nem menos.  
Ora! isto sou eu com a soma de meus complexos e aflições;  
um eu que não sei onde acaba  
onde começa – mas que existe vertical pelas calçadas  
e horizontal na cama. Eu, retorcido ou não,  
sei lá! eu.*

## **II**

*O pensar este é o que aparece em mim  
e não some. Tenho cócegas na língua  
e coço o pé. (Afinal, isto sou eu,  
cheio de contrastes, assim mesmo).  
O pensar em mim depende do assunto  
e se não há assuntos  
os fabrico,  
quebrando copos  
ou cuspindo na indumentária do garçon.  
E ai.  
O importante é o funcionamento da máquina pensante.  
Essas questões de adultérios homicídios lenocínio  
homossexualismo, seja o que for,  
me comovem à falta de outro assunto. Tenho que pensar  
tenho que continuar pensando  
e ir guardando tudo,  
para esconder em mim o falar e o olhar  
e mais: a morte, que é o que bate.*

---

## **POEMA ESSENCIALMENTE NOTURNO**

*À falta da pessoa,  
hoje amarei a ausência também do sentimento antigo  
e lembrarei que os dias já foram azuis  
e as noites somente escuras  
quando desconhecíamos a palavra medo  
e não sentíamos medo.*

*Amarei o antigo sentimento de ternura casta  
palpável, àquele tempo, em mim,  
distribuída entre os aposentos da casa enorme,  
os três degraus da entrada  
o sol nascendo pelos punhos da rede  
e o muro do colégio das freiras, quente.  
(Que estas lembranças me bastam).*

*Porque não há a pessoa  
e eu caminho só e triste pelas calçadas do Rio  
e não chego a nenhum destino, porque não tenho destino,  
eu hoje amarei a distância que separa                   eu menino  
de mim desesperado, aqui  
e me perderei pelos caminhos enrolados uns nos outros  
e rolarei de gozo sobre a minha sombra  
e chorarei depois porque não sei voltar.*